

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 37

2019

Nº 229

NOVEMBRO - DEZEMBRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, n.º. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Júbilos Indeléveis	4
	Que significa morrer?	7
	Os mortos vivem (Poema)	10
	Orai, no silêncio das coisas	11
*	Meditações	13
Director Responsável :	Mais reminiscências	14
Manuela Vasconcelos	A 1ª Profecia (Poema)	19
*	Os 2 objectivos máximos...	20
	O conceito espírita da vida	24
	Natal	28
Distribuição Gratuita	Natal de Amor (Poema)	30
	Do País da Luz	31

*

*

EDITORIAL

E Novembro chegou outra vez e, com ele, a proximidade de mais uma comemoração natalícia. Olhamos para trás, tentando recordar Dezsembros passados, mas as nossas palavras repetem-se embora num conteúdo diferente a referir, também, situações diferentes passadas ao longo deste ano.

O que foi que mais nos marcou? Pensamos um bocadinho, não durante muito tempo, e de imediato nos vem à mente a atitude de diversos jovens, ao só em Portugal como noutros países, manifestando-se a favor dos cuidados que se deverão ter para preservar o ambiente e melhorá-lo até, se for possível, isto enquanto dirigentes de alguns países fazem precisamente o contrário, garantindo – na sua prepotência – que o planeta – esta morada que o Senhor nos concedeu para aqui habitarmos temporariamente – não corre qualquer perigo! Vamos pelos jovens, e, tal como nós, muitos mais adultos que os viram, escutaram e lhes deram razão...

Esta atitude deixou-nos, ainda, uma outra certeza: é que, contrariando a maneira de pensar de muitos mais adultos que apontam o dedo aos jovens, acusando-os de irresponsáveis, eles demonstram que, no momento oportuno e sempre que se faça necessário eles estão presente, colaborando e, se necessário, juntando-se num alerta que acorde todas as consciências adormecidas.

Novembro começa, também, com as lágrimas com que se choram os “mortos”, e pensamos sempre que os nossos ausentes só estão mortos quando morreram nos corações e na saudade dos familiares que não mais os lembram, nem sequer numa pequenina oração que se faça em seu benefício. E esta “morte”, bem mais

grave que a primeira que é só a passagem de uma vida para outra, lembra-nos a manifestação de um irmão sofredor, numa reunião mediúnica, lamentando-se de não ser mais recordado pelos familiares que ficaram para trás, aguardando, também eles, a partida para o mundo espiritual. A partir deste lamento começámos, em todas as preces que fazemos, a pedir por todos aqueles “pelos quais ninguém pede”, e passados vários meses aconteceu um momento gratificante para todos os que escutámos o novo irmão que se manifestou, e que vinha agradecer as preces que fazíamos por todos eles. Essa prece, fraterna como todas as que lhes dirigimos, deu-lhes a certeza de que continuam vivos porque há sempre alguém que os recorde...E, para o fazermos, nem sequer precisamos de nos deslocarmos a um qualquer cemitério: basta apenas nomeá-los, aos irmãos pelos quais ninguém pede...e o Senhor, que vê a sinceridade das nossas preces e palavras, encaminhará para todos eles a pequenina manifestação de amor fraternal que para eles canalizamos.

*

Depois de Novembro, chega Dezembro, já a ser “antecipado” nas luzes que iluminam as cidades e as ruas, nas músicas com que as firmas, de portas abertas para o público, tentam atrair uns e outros para aumentarem um pouco mais o recheio dos cofres na época natalícia. Não somos contra o comércio e pensamos que todos necessitamos de trabalho e de usufruirmos do fruto do mesmo, apenas... apenas nos entristece que Jesus seja apenas um motivo para se tentar um negócio mais produtivo. Seria bom que, antes do mais, Ele reinasse em todos os corações e que o Natal, assim vivido, voltasse a ter o “sabor” dos primeiros Natais vividos depois da sua ausência física da Terra: seria mais Natal e na vibração de cada um, Ele estaria mais próximo de todos nós.

Apesar de tudo, Ele afirmou-nos que “estaria connosco até ao final dos tempos”... Então, que seja Natal, com Jesus, com Maria, com José, em todos os corações que O amam e recordam com fé.

Feliz Natal para todos!

A DIRECÇÃO

*

JÚBILOS INDELÉVEIS

“Como tocaste as bilhas de água, na festa de Canaã, convertendo-as em recipientes cheios de sabor, patrocinando júbilos indeléveis”. – CAMILO¹

Cometeria equívoco qualquer pessoa que, em leitura linear das letras neotestamentárias concluísse *pela letra que mata*, que Jesus transformara água em vinho nas bodas de Canaã².

Sem o conhecimento espiritista ninguém estará devidamente instrumentalizado para extrair toda a riqueza de conteúdo ou deleitar-se com o sabor da beleza poética das palavras e actos de Jesus.

João, o Batista, abriu as cortinas do proscénio terrestre para Jesus nas águas do Rio Jordão; mas, o outro João, o Evangelista, foi o único que registou o *primeiro acto* do Meigo Pegureiro nas bodas de Canaã. Foi ele, também, o único discípulo a testemunhar

pessoalmente, de vizú, o drama do Gólgota, como também foi aquele que fez com o *Apocalipse* o epílogo documental da saga messiânica.

Lendo as suas anotações neotestamentárias, acerca das bodas de Canaã, Kardec concluiu³:

“ (...) Admitindo que as coisas hajam ocorrido, conforme foram narradas, é de notar-se seja esse, de tal género, o único fenómeno que se tenha produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada, para ser ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, O teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis Lhe conquistariam mais simpatias e Lhe granjeariam mais adeptos do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza.

“Se bem que, a rigor, o facto se possa explicar, até certo ponto, por uma acção fluídica que houvesse, como o magnetismo oferece muitos exemplos, mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, **pouco provável é se tenha verificado semelhante hipótese**, dado que, em tal caso, a água, tendo do vinho unicamente o sabor, houvera conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. **Mais racional é se reconheça aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim de bodas, do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com carácter de factos ocorridos.** Provavelmente, durante o repasto, terá Ele aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento.

“Justificam esta opinião as palavras que a respeito Lhe dirige o mordomo: «Toda a gente serve em primeiro lugar o vinho

bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos finho; Tu, porém, guardas até agora o bom vinho».

“Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritas não são tão crédulos que por toda a parte vejam manifestações, nem tão absolutos em suas opiniões, que pretendam explicar tudo por meio dos fluídos”.

Portanto, os **júbilos indeléveis** aludidos por Camilo, em sua página mediúnica intitulada “**Avé, é Natal**”, da qual extraímos a epígrafe, não se referia, evidentemente, à água transformada em vinho, mas sim, aos ensinamentos do Mestre que, iniciados na referida festa, terminariam no Gólgota, proporcionando à Humanidade, a partir de então, os imarcescíveis e indeléveis júbilos *cheios de sabor* do conhecimento superior.

- 1 – Mensagem psicografada pelo médium J. Raul Teixeira em 11.11.02, na SEF, em Niterói – RJ;
- 2 – João, 2: 1 a 12;
- 3 – Kardec, A. “A Gênese”, capítulo XV, item 47, § 2º e 3º - FEB.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

QUE SIGNIFICA MORRER?

Todos os anos, nos dias 1 e 2 de Novembro, mais que em qualquer outra data, os cemitérios enchem-se de flores levadas por todos aqueles que homenageiam e recordam os seus mortos, muitos falando e chorando com eles e por eles – como se só ali e naquela data eles pudessem ser lembrados.

E esta data, dedicada aos “mortos” recorda-nos sempre aquele outro ensinamento de Jesus quando recomendou “*Deixem que os mortos recordem os seus mortos*”!

O que significa morrer?

O dicionário esclarece que «morrer é definhar, desaparecer» - e morre o que desaparece – não quem continue a viver, ainda que numa dimensão diferente; o que morre é o corpo-matéria, por um esgotamento total de todos os seus órgãos, mas a alma – o ser inteligente que a ele esteve ligado e lhe deu vida – a alma, desprendendo-se, segue liberta para o espaço, para uma das muitas moradas da Casa do Pai, que Jesus nos afirmou existirem para todos nós, sendo dada a cada um a que cada um mereça.

E recordando Jesus, recordo também a sua morte, na cruz, e a sua ‘volta’ três dias mais tarde, quando apareceu, primeiro a Madalena e depois aos apóstolos e na estrada de Emaús. E a Sua morte, “a ressurreição” como tantos lhe querem chamar, não teve outro significado senão a afirmação (comprovação) pela Sua presença de que a morte não existe e que a vida continua: morreu o corpo matéria, mas Ele mostrou-se depois, num corpo materializado para que todos o pudessem ver e compreender o significado do que viam pois, naquela circunstância, Ele era a “prova viva” da vida que continua!

Se cada um, mesmo depois de ‘morto’, ainda tem direito a uma ‘morada’, diferente dos sete palmos de terra onde o que restou do corpo metido num caixão ali foi enterrado, temos de concluir que a morte deve ser, então, algo de muito diferente do “morreu, acabou”, dado que do outro lado da vida, seja onde for, Deus não se preocuparia em dar moradas para os mortos! Essas existem, na Terra, nas campas e jazigos dos mais simples aos mais elaborados com que, os que ficam, querem homenagear os que partiram.

Partir... é isso mesmo: partir, passando as portas da morte, tem o mesmo significado, quase, daquilo que fazem os outros todos, quando empreendem uma viagem para outra qualquer cidade, para outro qualquer país. Eles também partem e a mesma palavra tem idêntico significado, embora o destino da viagem seja diferente. Os que se desligaram da matéria partem, de regresso à sua pátria espiritual – aquela que abandonaram anos atrás para mais uma estadia temporária numa qualquer localidade de um qualquer país terreno. Aí estiveram temporariamente, criando laços familiares, aprendendo na grande escola da Vida e uns com os outros, o necessário para poderem evoluir um pouquinho mais.

De reencarnação em reencarnação, embora não recordemos o Passado, o que fizemos e já vivemos, assim tem acontecido com todos nós. As nossas “viagens” com esses corpos matéria fizeram de nós ‘cidadãos do mundo’ e assim continuará a acontecer até que consigamos conquistar o nosso «lugar ao sol»: o estatuto de espíritos puros para que Deus nos criou!

Encaremos, portanto, a morte como a porta de passagem que nos é necessária para o regresso ao mundo dos espíritos – nossa verdadeira pátria -, onde voltaremos sempre a encontrar os entes queridos com quem já criámos laços afectivos, fraternais, sinceros, desde que no momento eles estejam também desencarnados.

Conforme Jesus disse a Nicodemos “necessário vos é nascer de novo”, mas só o poderemos fazer depois de abandonarmos o corpo velho, desgastado pelo tempo em que o usámos, e necessitarmos de um outro, novo, que nos habilitará a uma nova vivência terrena.

Deixemos, então, de chorar os nossos mortos mas recordemo-los tão ou mais vivos que nós, numa outra dimensão, e desejemos para todos eles a paz e a luz que dá sempre, a cada um, uma consciência tranquila – e nós outros, espíritos imperfeitos e ainda reencarnados, aproveitemos o que nos resta da reencarnação que estamos a usufruir para a conquista de um pouco mais de sabedoria, humildade e amor pelo próximo.

Com fé, com certeza que conseguiremos.

MANUELA VASCONCELOS

*

“A dor eleva, a dor exalta, a dor diviniza. O Cristianismo gerou o amor e a Dor nasceu, escorrendo sangue numa cruz”. - GUERRA JUNQUEIRO.

*

OS MORTOS VIVEM

Já meus passos arrasto lentamente;
A viagem da vida vai no fim...

No último leito, em breve, irei, por fim,
Dormir o último sono, docemente.

Mas não choreis! Eu volto. Eu sou o ausente
Que surge de improviso. Eu volto, sim!
Pois, toda a vez que vós penseis em mim,
A vosso lado me vereis presente!

Os mortos vivem – vida espiritual!
Vivem no pensamento dos que amaram
Como fluidas visões de luz astral.

São almas que, através da Imensidade,
Vêm em busca das almas que deixaram,
Adejando num halo de saudade!

LUIZ DE MAGALHÃES

(In: ‘O Mensageiro Espírita’, da Federação Espírita Portuguesa,
Maio-Junho de 1933).

*

ORAI, NO SILÊNCIO DAS COISAS...

Adoro-Te, recôndito Eu do Universo, alma do todo, meu Pai e Pai de todas as coisas, meu alento e alento de todas as coisas...

Adoro-Te, oh indestrutível essência, sempre presente no espaço, no tempo e além, no infinito.

Pai, amo-Te, mesmo quando o Teu respiro é dor, porque a Tua dor é amor, ainda quando a Tua Lei é sofrer, pois o sofrer que a Tua Lei impõe é o caminho das ascensões humanas.

Pai! Entrego-me ao Teu poder: nele repouso e me abandono, implorando à fonte o alimento que me sustente.

Procuro-Te nas profundezas onde estás, e de onde me atraís; sinto-Te no infinito, onde não chego mas de onde me chamas.

Não Te vejo e, no entanto, Tua Luz me enceguece; não Te ouço e, no entanto, sinto o tom da Tua voz; não sei onde Te encontras, e mesmo assim Te encontro a cada passo; esqueço-Te e Te ignoro e, todavia, ausculto-Te em todo o meu palpitar. Não sei individuar-Te e, não obstante, gravito em direcção a Ti, centro do Universo, como gravitam todas as coisas.

Potência invisível que reges os mundos e as vidas, Tu estás, na Tua essência, acima de toda a minha concepção. Que serás Tu, que não sei descrever nem definir, se só o reflexo de Tuas obras me ofusca? Que serás Tu, se já estou aturdido pela incomensurável complexidade desta emanção Tua, pequena centelha espiritual que todo me anima? O homem Te segue na ciência, Te invoca na dor, Te bendiz na bondade do Teu amor, estás além, sempre além de todo pensamento humano, acima das formas e da transformação, como um clarão no infinito.

No rugir da tempestade está Deus; na carícia do humilde, está Deus; na evolução do turbilhão atômico, no impulso das formas dinâmicas, no triunfo da vida e do espírito está Deus, um Deus sem limites, que tudo compreende, estreita e domina, até mesmo as aparências dos contrários, aos quais encaminha para suas finalidades supremas.

E o ser sobe, de forma em forma, ansioso de conhecer-Te, desejoso de uma sempre mais completa realização do Teu pensamento, tradução em acto da Tua essência.

Adoto-Te, oh supremo princípio do todo, na Tua vestidura de matéria, na Tua manifestação de energia; no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas. Adoro-te, conceito sempre novo, bom e belo, inextinguível Lei animadora do Universo. Adoro-Te, oh grande todo, que ultrapassas todos os limites do meu ser.

Nesta adoração, aniquilo-me e alimento-me, humilho-me e elevo-me; fundo-me na grande Unidade e com a grande Lei coordeno-me a fim de que minha acção seja sempre harmonia, ascensão, prece e amor.

PIETRO UBALDI

(In: A GRANDE SÍNTESE, da sua mesma autoria).

MEDITAÇÕES

Louvado seja Deus, nosso Senhor, que nos dá a aurora e, com ela, a dissolução do nevoeiro e a calma da tempestade.

- M. A. S. P.

Não há nevoeiro mais espesso ou tempestade mais severa que não se dissipe. Quando nossos pensamentos estão enevoados e o desespero nos conduz ao sentimento de naufrágio emocional, só uma coisa eficaz pode ser feita: o aconselhamento com Deus através da oração, cuja orientação nos vem através do sono, por inspiração ou por intermédio de uma conversa com um amigo sincero.

Não devemos permitir que o nevoeiro e a tempestade de nossas dúvidas, de nossa falta de fé interfiram no caminho a seguir, desistindo e desesperando-nos, mas confiar sempre n’Aquele que, embora todos desesperados frente à tempestade, manteve a serenidade e acalmou-a.

Não tem certeza do que fazer? Retire-se em oração para um local tranquilo e peça a luz divina para te guiar. “Pedi e obtereis, batei e abrir-se-vos-à”, disse Aquele que nos ensinou o Pai Nosso.

MARCO ANTÓNIO S. PEREIRA

(In: Livro de Horas do Cruzeiro do Sul, ed. Sagitarius Editora – São Paulo – Brasil).

MAIS REMINESCÊNCIAS

Quinta de Santo Ovídio. Aquelas alamedas de faias guardam muito do mistério da Criação. Se se pudesse interrogar-lhes os troncos, subir com o vento às folhas altas, circular com a seiva, chegar à raiz, quanto de bom se aprenderia. Aliás, essa

universidade, a que chamamos Natureza, é hábil num método que a Pedagogia complicada está longe de encontrar: a Sabedoria, em que o Amor, ao lado do Amor que todos têm, mostra as vantagens da criação de mais Amor... e só. Todo o aluno aprende, todo o mestre ensina; e, ensinando, aprende o que não sabe... de modo que o lucro é Paulino.

Mas, é pôr de sol. Um dos raios moribundos esgueira-se por entre as folhas novas das árvores seculares. A luz veste-lhes as fibras, e vai descer a escadaria lavrada em ângulos de mãos de mestre. Saindo pelo chão, passa por pinheiros esverdeado-escuros, não chegando a derreter o mel gelado das divas esculpidas em mármore, que não chegam a largar os corrimões de granito ou pedra rosa.

Quem ainda hoje subisse os degraus do casarão cheio de janelas, protegidas por cortinas de «cotelé» avelã, encontraria – por certo encontraria – nos poiais dessas bocas de vidro, ou entre as sanefas do pesado cortinado, um alarido folgazão, onde vozes de dó a dó se distinguiam, entre ágapes e notas pouco artísticas, arrancadas ao piano. Algumas figuras de nobreza afrancesada emitem, lá e cá, meia dúzia de roncões abafados, emergindo das sombras de divãs enormes, presas e cachimbos de cerejeira, largando ao forro um vapor nauseante. Não faltam nem mesmo os desenhos que a arte de soltar fumaça para estragar organismo e incomodar os outros elabora, linhas bamboleantes e rodela que fazem a glória dos fumantes inveterados.

Na sala ao lado – ao lado, graças aos Céus... -, sons indefiníveis, são o gemido do piano massacrado, enquanto gorjeios estrídulos abalam não apenas as cordas vocais da ‘cantora’, mas também os ouvidos desesperados dos circunstantes. Retine o cristal, quase a romper-se (o verbo não é forte, diante do assédio da

situação...) e a chama das velas toma, repentinamente, os ares de moderna dança, e salta e corre e morre. Palmas!... Os, generosidade! Modo austero de dizer: “basta, não aguentamos mais”. Termina a chacina.

De momento em momento, avivam-se os diálogos, até que o serviçal espadaúdo, brilhando que nem um brinco, anuncia o deleite estomacal dos visitantes. Procurando, desesperadamente, aparentar educação, estabelece-se uma troca de sociais cotoveladas e, sob um trote à maneira da horrenda Abertura 1812, conquistam um lugar ao sol, trocando sorrisos de triunfo e aguardando o momento de, finalmente, trincar os dentes numa posta de peixe e percorrer todo o ‘menú’, até aos gomos de tangerina gelados com éter.

Ruídos de talheres confundem-se com ‘sss’, arrancando o infractor da luz da vela, de pecado de não tolerar espinhas de peixe, estrategicamente localizadas entre os dentes. A mesa de carvalho oscila sob castiçais de prata.

A conversa vai alta, pelas altas do tempo. Retardatários descerram os estores bambos e ordenam aos trintanários que baixem os estribos. Já não paira qualquer preocupação em disfarçar os ruídos do estômago desesperado... Alguns senhores, que ostentam nobreza, metidos em fatos de cheviote, deslizam até à sala de jantar. E o círculo vicioso passa outra vez.

Passam-se os anos, passam-se os homens, vão-se os diálogos, os jantares, as velas, os peixes. E tudo cheira a silêncio na Quinta de Santo Ovídio. Um silêncio de paz, que nem mesmo o homem do espaço ousa profanar. Mas... coisa estranha e sublime... nada se perdeu... tudo se mantém. Duvido... não desejo mais recordar, não quero que a recordação me deseje a mim. Um pouco

desapontado, deslizo entre a mobília da mansão, ganho o pátio e deixo-me ficar à sombra das faias, contemplando, adiante, papoilas e margaridas – que suavidade têm as margaridas... -, o verde da Natureza, cheio de verde da esperança, na Quinta de Santo Ovídio. As lágrimas esgueiram-se na pele do meu rosto, tal qual os raios de sol, entre as pestanas que chegam a lembrar as faias à luz. E a luz vem brincar com as lágrimas, e as lágrimas brilham à luz.

Alongo a vista, meu olhar quebra-se onde dobra a pequena estrada. Sinto como se penetrasse os segredos da Mãe Comum, que a tudo acolheu, e, meio surpreso, pilho, criando raízes na torre albarrã de um castelo próximo, de cócoras, aos pulinhos, um habitante do Além-Túmulo (meu compatriota!), escrevinhando, depois, alguma coisa sobre algo que ele crê ser um papel. Franzo o sobrolho... ouço-lhe a voz roufenha, quase cavernosa:

“Tantos escudos... quantos contos...”

Caramba! Que seca de fortuna... Quantos haverá, presos, agarrados ao cofre do corpo físico, sem poderem libertar-se do íman do desejo, porque a corrente que lhes vai nas artérias é ganância, e esta retorna, pelas veias do coração, empestada de lucro terreno... Escudos e contos. Apuro a audição, minha pobre audição, mas apuro e escuto:

“**Não podeis servir a Deus e a Mamom**”. Acho que, desta vez, foi a voz íntima quem falou.

*

Meu amigo: novamente forço a vista e vislumbro uma arca trancada, cavaleiros hostis e damas ameaçadoras em volta. Lá, temos o Conde Orgulho, o Duque Sensualismo, a Duquesa Cupidez

e a Condessa Vaidade. O trono é destinado ao Rei Hipocrisia. Uns, os cavaleiros, metidos em panóplias, estão ainda evocando catanas e durindanas de um ontem que querem, à força, eternizar. Outros, as senhoras, no ostracismo que lhes foi peculiar, impedidas de organizar novas festas, silvam como víboras guardando a própria toca, flirtam à frieza das armaduras e, inconformadas, caminham de cá para lá, de lá para cá.

Nesse momento, o homem velho sobe, vem à tona... dardejo: “São peripatéticas...”, mas logo abandono a ironia para chegar a outro tipo de lágrima: abre-se a caixa, destranca-se a arca, e... envolto em cédulas gordurosas, empastado de repulsa ao género humano, só, inteiramente só, desembrulha-se o coração do pobre diabo. Ele, estremecendo, rola pelo chão, e toda a população que monta guarda cai sobre ele, urrando, vociferando, deblaterando. Pouco a pouco, enquanto cai a noite, sem urrar, ou enquanto sobe a noite do mesmo plano em que o sol nascera, doze horas antes, rola-lhe o Espírito pela torre albarrã. E tudo passa... tudo passa, neste país da verdade, a não ser a própria Verdade.

Lá estão, serenas, as faias seculares, impassíveis. O vento, tangendo-lhes as folhas, deixa no ar o som de harpas eólicas. Nomes tutelares estão presentes, o brilho das estrelas surge no infinito. Parece que a Noite da Terra, a noite de todas as loucuras, a constatação do estado moral do homem, se contrapõe às luzes de outros mundos, de outras gentes. Tão pouco as faias passarão... mudarão a forma e ascenderão para Deus. Um dia, accionarão os registos acásicos para contemplar, embebecidas, alamedas de faias, de árvores copadas, cheias de vida, cheias de esperança...

Quinta de Santo Ovídio. Lá também estou eu, e a saudade me engasga. O céu brilha, uma brisa revolteia no próprio ar...

Deito a cabeça num arbusto denso, de onde, assustadiça, foge uma lufada cor do céu e... Vira a página, meu querido...

Só a Verdade não passa, porque a Verdade é o Bem. Tem a força de ganhar força, quanto mais se esforça o homem por esquecê-la. É a marca registada de Deus.

Anota: mesmo que te arraste, que ouças dizerem isso ou aquilo sobre isso ou aquilo, não te perturbes. Procura ser o menor, o menos, o pouco, o nada, mas procura ser tudo isso no trabalho, meu caro. E deixa que falem, porque os que não sabem o que dizem não contam palavras.

Também irás ver, um dia, a Quinta dos teus amados, provavelmente no Horto das tuas dores. Chegarás à própria consumação: Deus, Deus vivo, Deus Tudo, tudo Amor. Pensa nisso.

O teu,

EÇA DE QUEIROZ

(Página psicografada pelo médium Gilberto Campista Guarino, na residência de confrades, durante momentos de irradiação e prece, em Outubro de 1976, e publicada na Revista portuguesa “Estudos Psíquicos” em Dezembro de 1977, de onde a transcrevemos).

*

A PRIMEIRA PROFECIA

Dorme o recém-nascido em seu bercinho estreito,

Os dois lírios das mãos poisados sobre o peito.
Lá fora, a noite é fria, o vento assolador,
Só os astros, no céu, luzem com mais fulgor.
E os olhos da Senhora, a contemplar o Filho,
Irradiam, também, um fundo e estranho brilho.
É mãe, - e, para as mães, resume-se o universo
No recanto do lar onde se abriga um berço...
E a Virgem, contemplando o cândido Menino,
Murmura: - “Qual será na Terra o seu destino?
“Triunfador, erguendo avante e desfraldado
O pendão de Israel há tanto escravizado!
“Profeta, semeando em toda a Palestina
O abençoado grão de uma nova doutrina?
“Se vem para exalçar o Amor nobre e fecundo,
Salvar a humanidade e reinar sobre o Mundo,
“Qual o trono real, em oiro e pedraria,
Que a nossa gratidão tem de lhe erguer um dia?”
E sorria, enlevada em dúlcida esperança...
Nesse momento, as mãos da pálida Criança
Afastaram-se; e, imersa em seu sono inocente,
Abriu, a um lado a outro, os braços, largamente,
E a mãe estremeceu... O Menino Jesus
Lembrava um condenado em cima de uma cruz...

CAMPOS MONTEIRO

(In: O MENSAGEIRO ESPÍRITA, Revista da Federação Espírita Portuguesa, Novembro-Dezembro de 1931).

*

OS DOIS OBJECTIVOS MÁXIMOS QUE

O ESPIRITISMO DEVE TENTAR REALIZAR

A codificação doutrinal que Kardec elabora das obras notáveis que, pouco a pouco, ia publicando, deu novo rumo aos conceitos de espiritualidade e proporcionou à Humanidade novos conhecimentos sobre os problemas da alma.

Podemos, pois, considerar o Espiritismo como uma clara modalidade do Neo-Espiritualismo, porque é bem novo ou actualizado o espiritualismo apresentado por Kardec em todo o trabalho doutrinário deixado ao estudo e à apreciação investigadora de muitos estudiosos, que, desde logo, se prenderam ao que Allan Kardec revelara ao mundo terráqueo do muito que lhe revelaram do mundo espiritual.

As revelações mais notáveis que se impõem aos cépticos e aos crentes são as que levam, os que as aceitam, à plena convicção da existência e da sobrevivência do espírito e às Leis impulsionadoras dos progressos marcantes do aperfeiçoamento espiritual, podendo tudo ser comprovado pela Ciência adequada aos estudos e investigações sobre tão vasto campo científico, filosófico e espiritualista.

A ciência relacionada com a sobrevivência do Espírito está passageiramente contida na Psicologia e na Parapsicologia, mas automaticamente vincada nos factos como o que, a seguir vamos relatar, o qual, a par de muitos outros do mesmo género registados ao longo da História e dos que podemos verificar nas experiências de materializações espirituais e nas que nos mostram a sobrenatural atracção do espírito sobre a matéria, fundamentam o aspecto científico dos problemas da alma.

O facto citado é o que a seguir reproduzimos:

A narrativa que se segue foi revelada a Flammarion e reproduzida por Imbassahy no seu magnífico trabalho intitulado “Ciência Metapsíquica”. Ei-la: “Havia três dias que tínhamos perdido nosso pai, de morte rápida, congestão cerebral. Como ele se encarregava de todas as despesas, só ele lidava com o dinheiro e colocava-o em certos lugares, mais ou menos ocultos de nossas vistas. Depois dos funerais, quando quisemos pôr tudo em ordem, minha mãe, para pagar notas urgentes, começou a procurar a soma necessária para os gastos, soma que meu pai deveria ter escondido em alguma parte. Toda a família, composta de minha mãe, de mim e de dois rapazes, pôs-se a procurar a quantia. Pesquisamos desde o celeiro até ao fundo da adega, sem o menor resultado. Minha mãe ficou desesperada, porque contava com esse dinheiro para continuarmos com o nosso negócio e fazermos face a diversas despesas; nem sabíamos a que santo consagrar-nos, e estávamos mergulhados no mais profundo desconsolo.

Ao correr da terceira noite, entre onze e meia noite, ouvi passos descendo as escadas que levavam qao celeiro de feno; eles pararam no patamar em que se encontrava a porta do meu quarto e, instantaneamente, ouvi levantar o trinco da porta, com o rangido característico. E logo a voz bem conhecida de meu pai ressoou a meus ouvidos, chamando-me por três vezes: Batistina, minha filha! É bem de ver que eu estava mais morta do que viva. Como a minha prima dormisse comigo, empurrei-a com toda a força que ainda me restava para a acordar, o que foi inútil: ela não se mexeu. Disse, então, com voz comovida, que me tornava incapaz de articular duas palavras: Meu pai!

- Escuta, minha filha – respondeu-me ele. – Desde que os deixei, acham-se vocês em terríveis angústias a propósito do

dinheiro que não conseguem achar. Pois ele se encontra numa velha caixa de expedição de laranjas; essa caixa está no quarto, atrás da cozinha. Lá, nessa caixa com compartimentos há, de um lado, diversas sementes em pequenos sacos e, do outro lado, no fundo, em baixo de alguns farrapos, está o dinheiro que tantas atribuições lhes tem causado. – Adeus, minha filha.

Inútil acrescentar que toda a família ficou de pé, e alguns minutos depois punhamos mãos no dinheiro.”

Reconhecida, pelo poder dos factos, a sobrevivência do Espírito, um dos objectos do Espiritismo é provar, assim, tal sobrevivência e tudo o que está averiguado sobre as actividades do espírito uma vez desligado das algemas do corpo carnal. Outro objectivo é encaminhar o espírito, quando liberto da matéria do corpo físico, para a bem-aventurança celestial, para a consciência plena da vida no mundo astral. Este objectivo está inteiramente ligado ao cumprimento dos preceitos de Jesus contidos no Evangelho. Assim pensam, de há muito, os nossos confrades brasileiros, e nós hoje, em Portugal, vamos seguindo os mesmos rumos.

Vamos destacar o que um deles – o bem conhecido confrade Edgard Armond publicou, há tempos, num periódico do Brasil, nos seguintes termos:

“**ESPIRITISMO E CRISTIANISMO PRIMITIVO** – A missão do Espiritismo, em si mesma, contém a revivescência do Cristianismo primitivo, e é natural, portanto, que reafirme conhecimentos de carácter geral como, por exemplo: a imortalidade da alma, a lei da reencarnação, o resgate dos débitos de vidas anteriores e outros que eram ensinados e admitidos por Jesus.

No Novo testamento encontram-se várias afirmações de Jesus nesse sentido, o mesmo acontecendo com as obras dos sucessores, inclusive Padres da Igreja Cristã desse tempo e que propagavam a doutrina nessa base conceptual, seguindo os mesmos rumos.

Destes últimos citaremos apenas quatro, dos mais autorizados, a saber: Clemente de Alexandria, Inácio de Antioquia, Justino, o Mártir (todos santificados pela Igreja) e, por último, Orígenes, o mais conhecido; e o próprio Jerónimo, que fez a codificação do Evangelho na chamada Vulgata Latina era partidário desses conhecimentos e, por isso, corajosamente os conservou na Vulgata.

Somente no sexto século, no Concílio II de Constantinopla, reunido no ano de 553, foram estes ensinamentos refugiados e declarados heréticos por conveniência particular da Igreja Católica e perseguidos e exterminados todos aqueles que os propagassem ou neles cressem; e, até hoje, a decisão é mantida”.

Concluimos repetindo o que mais de uma vez temos dito: é preciso expandir em intensa actividade e plenamente seguros de rumo a seguir, os ensinamentos de Jesus necessários à paz e bem-aventurança do Espírito, uma vez que ele se encontre em plena compreensão da vida desdobrada da matéria corporal e desde que, os que se dedicam à expansão das doutrinas neo-espíritualistas tenham a natural certeza de que é pela prática dos ensinamentos evangélicos que aquela bem-aventurança se alcança.

JOSÉ FRANCISCO CABRITA

(In: Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Julho de 1978)..

*

O CONCEITO ESPÍRITA DA VIDA

Ano Novo, Vida Nova, diz o ditado popular.

Os humanos medimos o tempo em períodos convencionais: dias, meses, anos, séculos. Alguns dias parecem ter significados diferentes, mas sua natureza é sempre a mesma.

Na verdade, as lições da Vida, consoante as experiências diárias, pouco aproveitam a numerosos Espíritos, nas vivências da matéria e passada a euforia de certas festividades, todos voltam aos velhos padrões de comportamento.

Sempre buscando as gratificações imediatas da carne, o Homem sacrifica, a toda a hora, os legítimos valores morais do Ser, porque considera apenas verdadeiro, digno de atenção, o que sente, o que vê, o que cheira, o que toca, o que ouve!

Podendo dispor de forças poderosas, de natureza mental, ele as desconhece, por decreto das sábias leis da evolução, porque poderia causar danos irreparáveis, se delas pudesse utilizar-se, sem o freio da religião.

Entrega-se a lucubrações filosóficas, mas não ama o pensamento construtivo, apoiando-se, então, em falsas premissas, incapazes de lhe darem as transcendentais soluções por que anseia.

A Ciência lhe é grata, mas não constrói a paz com as armas mortíferas que inventa.

No vasto cenário do mundo, a criatura angustiada busca nos vícios derivativos para suas neuroses, sorvendo os finos licores ou a prosaica cachaça, a fumaça perniciosa dos cigarros ou consumindo cada vez mais os perigosos alucinógenos.

Multiplicam-se as seitas religiosas e logo seus templos se enchem, mas acaba preponderando o vazio nas malas e nas almas, que buscaram em vão um ‘milagre’... porque o ‘milagre não existe’!

Eterno doente, que multiplica os próprios males, o Homem é como nau desarvorada nas tempestades da Vida, que se tornam mais constantes e perigosas.

A incógnita das causas aceitáveis e lógicas de tudo a que assiste ou em que toma parte directa, sofrendo na própria carne, torna a criatura humana – o único Ser que pensa – extremamente infeliz.

Os hospitais estão cheios, os manicómios transbordam, sem falar nos que continuam vivendo em sociedade; as prisões não chegam, a delinquência adentra os lares.

Deus existe, Deus é bom. De que modo, então, entender tudo isso?

É fácil saber, compreender, orientar-se pelo conceito espírita da Vida, que nos mostra, em toda sua realidade, o porquê de todas as coisas e de todos os eventos.

Não é este o momento de expor o mecanismo da Vida, segundo entendemos e compreendemos, como espíritas. Mas o alerta aqui fica, para quem “tiver ouvidos de ouvir e olhos de ver”.

Meditemos seriamente na profunda, generosa e consoladora mensagem da Doutrina Espírita, sobretudo na doce e suave palavra do Mestre Jesus, cada vez mais viva no seu Evangelho, para que possamos dar às nossas vidas o sentido que lhes imprimiu o Divino Criador e Pai amantíssimo.

Veremos, então, que todas as sombras se desfazem, as angústias terminam, a confiança torna a florescer em nossos corações; nossos lábios não dirão mais impropérios, voltando a louvar e agradecer; nossas mãos retornam, construtivas, às tarefas mais nobres e nossas mentes vibrarão em pensamentos positivos.

É preciso ter em vista, entretanto, que o conceito espírita da Vida não é uma fórmula mágica, para solução imediata de todos os problemas da criatura que se acolha à sombra da Doutrina: ele impõe conscientização, vivência, prática diurna dos preceitos cristãos, porque somente vivido ao longo do tempo ensejará o progresso real, caracterizando a evolução em sua finalidade maior, a edificação do reino de Deus dentro de cada um, pela conquista da Sabedoria e do Amor, do que resultará a Felicidade a que o Divino Criador destina todos os seus filhos.

“O Espiritismo, junto de nós, quando lhe conhecemos os sagrados objectivos, sob a direcção de Jesus - comenta Albino Teixeira (V. ‘Caminho Espírita’ psicografado por F. C. Xavier, edição CEC) – não age por si próprio mas aguarda que lhe queiramos absorver os ensinamentos e aplicá-los ao nosso modo de ser, pois:

“se nos reconhecemos necessitados de melhoria, se aspiramos à luz, se temos sede de paz, se queremos felicidade e não nos dispomos a usá-la em nós, por instrumentos da própria renovação, não nos queixamos senão de nós mesmos.”

Usar o Espiritismo em nós, como ‘instrumento da própria renovação’, significa uma tomada definitiva de posição, ao lado de Jesus, porque nos seus exemplos e ensinamentos está todo o conceito espírita da Vida, uma vida que só se salvará com Ele e se perderá sem Ele (Mat., 16:25).

PEDRO FRANCO BARBOSA

(In: Revista portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Junho de 1978).

*

NATAL

Começámos a reparar no ambiente, à nossa volta, nas ruas por onde fomos passando e notamos – desde meados de Outubro – como a época natalícia se começou a fazer anunciar, senão em todos pelo menos naqueles que procuram dela se servir para melhorarem um pouco a situação monetária, mais periclitante nuns que em outros, que os acompanhou todo o ano.

Continua a falar-se em crise, mas há mais carros a percorrer as estradas do país; os sacos das compras talvez se notem mais

cheios, quando acompanham os compradores até suas casas; há um viço mais sorridente na maioria das pessoas embora, a par destas, a quem parece tudo correr bem, existam aquelas outras que continuam a viver necessidades prementes, não tendo senão, talvez, o prato de sopa que lhes é distribuído na Casa dos Pobres.

A diferença que existe entre uns e outros é demasiado grande para não ser percebida, e se vemos aqueles que carregam já os pacotes com os ‘presentes’ que irão ser distribuídos mais tarde, notamos também a falta de agasalho de outros, que passam, olhos no chão, talvez com vergonha de mostrarem a sua diferença perante os primeiros.

Se comentamos o assunto, a resposta tem tanto de indiferença como de egoísmo: “Sempre assim foi e sempre assim será”, porque a própria Sociedade é feita desses contrastes”.

E nós, que lembramos assiduamente o Mandamento “Ama o teu próximo como a ti mesmo” perguntamo-nos silenciosamente se aquelas compras supérfluas não poderiam ser substituídas ou reduzidas e com o valor das mesmas levar-se um pouco mais de agasalho fraterno a quem o não tem.

... E com a proximidade do Natal e a comemoração do nascimento do Menino, que nos lembra a primeira mensagem – (... Paz, aos homens de boa vontade), lembramos as Suas palavras, bem mais tarde, depois dos anos decorridos, quando Ele afirmou:

“(...) porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; fui hóspede e recolhestes-me; estive nú e vestistes-me; estive enfermo e visitastes-me... Todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes”. (Mts., 25).

Todos queremos ser felizes, todos queremos que a nossa vida seja diferente... então, tentemos modificá-la, de maneira a criarmos essa diferença porque almejamos, de maneira a que as nossas mãos e o nosso coração sejam os arquitectos dessa mesma construção ... porque, acreditemos ou não, a nossa felicidade depende apenas de nós!

Muita Paz para todos.

Que Jesus reine no coração de cada um no Seu dia de Natal.

MANUELA VASCONCELOS

NATAL DE AMOR

Se vieres, Jesus, de novo, agora
Para a celebração do Teu Natal,
Não nos deixes falar de coisas tristes,
Queremos recordar tão somente que existes
Para o amor imortal.
Desejamos contar-te, Amado Amigo,
Ao clarão que teu nome nos descerra,
Que o teu aniversário é cada vez mais lindo
E que há muitos irmãos sonhando e sonstruindo
O teu Reino na Terra.
Hoje, os barcos singelos que aceitaste,
A fim de entreter a fé nos conduz,
São templos relembrando em toda parte

Nosso dever de honrar-te
Em lições de bondade e cânticos de luz.
Os vales para enfermos de outros tempos,
Na imensa provação que nos dói na lembrança,
Aos teus ensinamentos regeneradores,
Hoje, são hospitais plantados entre flores,
Refúgios de conforto e lares de esperança.
Toda a desolação que viste, de altos montes,
Por sombras de doenças, pranto e dor,
Vai desaparecendo dia a dia,
Ao sol do teu amparo que irradia
Alvoradas de amor.
O progresso caminha, povo a povo,
A ciência do mundo alteia a voz,
Erros, temos ainda... Mas sabemos
Que precisamos de teus dons supremos
Para que a paz esteja entre nós.
Ouve, Jesus!... Na exaltação da vida,
Cantamos nos louvores sempre teus:
-“ Glória a Deus nas Alturas
E paz na Terra a todas as criaturas,
Ante a benção de Deus”.

MARIA DOLORES

(In: OS DOIS MAIORES AMORES, psicografia de Francisco C. Xavier).

*

DO PAÍS DA LUZ...

Entre Jesus e o Sol existe uma singular diferença: - o Sol ilumina o corpo do homem; e Jesus ilumina-lhe a alma.

Quando o corpo morre a acção do sol serve para o decompor mais rapidamente; ao passo que quando a alma se liberta a acção de Jesus é permanente e eterna no espaço e no homem.

A duração do Sol é finita; a duração de Jesus e da sua obra é infinita, porque vai além de todos os tempos.

Entretanto, há sábios que não negam o sol e o amam; e negam e renegam Jesus e a verdade da sua doutrina.

Pobres e mesquinhos sábios!

Daqui, dão-nos a sensação de pequeninos vermes comprazendo-se na Terra e fugindo à luz que os ilumina e aquece.

A todos esses deploro, e a cada um apeteço o raiar de uma linda aurora nas trevas da sua ignorância.

JOÃO DE DEUS

(In: 'DO PAÍS DA LUZ', 1º volume, cap. XXVIII. Psicografia do médium português, Fernando de Lacerda).

*

E porque NATAL é sempre que o Homem quiser, desejamos a todos um Santo Natal a prolongar-se por cada dia do Novo Ano.

Feliz Natal para todos, com Jesus a reinar em todos os corações, cumprindo-se neles as palavras que anunciavam o Seu nascimento:

“PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE”.

*